

SOBRE UM CONTÁGIO POSSÍVEL: CARTAS-CUIDADO

Letícia Dalla Costa¹, Janaína Oliveira Steiger², Elisandro Rodrigues³

Porto Alegre, 30 de Junho de 2020⁴

Caro(a) leitor(a),

Como tem passado? Esperamos que bem, embora tenhamos suspeitas de que o momento não está fácil para você. Viemos dar notícias de uma experiência, motivadas pelo que acabamos de descobrir durante uma leitura. Paradoxalmente, concordamos com Sêneca: ler demais sem escrever dispersa nossos pensamentos e propicia o esquecimento de nós mesmas. Então, depois de tempos de leitura, resolvemos retomar escritos, e fazer deles uma carta. Carta? Explicamos: além de um convite à delicadeza, ao cuidado e à resistência à escrita hegemônica no meio acadêmico, elas são um modo de abrir-se e fazer-se presente ao olhar do outro⁵. Além disso, a estética de um texto é um meio de expressão, as cartas servem como meio de comunicação com quem está distante e também como registro de memórias e aspectos históricos.⁶ E nesse caso, de reivindicação. Dizemos isso porque, dentro de uma cultura falocêntrica, a escrita epistolar foi vista como uma espécie de escrita menor, expressão de uma literatura marginal⁷, praticada sobretudo por mulheres. Contudo - ou talvez, exatamente por esse motivo, essa escrita nos aproxima: ao ler a carta, você atribui sentidos a ela e sua potencialidade está na abertura e na imprevisibilidade da troca⁸.

¹ Psicóloga residente em Saúde da Família e da Comunidade - Grupo Hospitalar Conceição. leticidadallacosta2@gmail.com.

² Psicóloga residente em Saúde da Família e da Comunidade - Grupo Hospitalar Conceição. jsteigeroli@gmail.com

³ Apoiador pedagógico na Residência Multiprofissional em Saúde - Grupo Hospitalar Conceição. elisandromosaico@gmail.com

⁴ As referências ficarão em notas de rodapé para manter o tom epistolar no corpo do texto.

⁵ FOUCAULT, 2012.

⁶ MARINE; BARBOSA, 2012.

⁷ REZENDE, 2019.

⁸ FOUCAULT, 2012.

Assim, diante da dificuldade de escolher um(a) destinatário(a) ao nosso escrito, mas convocadas a compartilhar notícias de nossas práticas de trabalho e refletir sobre as mesmas, decidimos escrever para você, Mundo. Não se trata de megalomania: uma pandemia, na verdade. Sabe, no atual momento, estamos globalmente conectados(as) por uma crise sanitária gerada pelo vírus COVID-19, em que há milhares de mortos, sofrimentos na saúde do corpo e da alma (embora não acreditemos que haja essa separação) e dificuldades econômicas, dadas as especificidades de gestão de crise das diferentes regiões que o enfrentam. Devido ao alto índice de contágio do vírus - ele propaga-se pelo ar e pelo toque - o isolamento social é uma medida de segurança importante. Mas considerando o modo de subjetivação capitalista - o qual, dentre outras características, é individualista, competitivo e fechado aos encontros - já vivíamos certo isolamento. Um isolamento dos afetos. Todavia, agora que, fundamentalmente, não podemos nos encontrar e tocar, nos parece que o endereçamento de palavras pode ser uma via de bons contágios. E, ainda, pode ser uma via de desencaixotar o contato com o outro e com nossos próprios afetos. Vladimir Safatle⁹ diria que a circulação dos afetos pode operar com mudanças e transformações gerando novas formas de vida constituídas na afecção de um corpo pelo outro. Para Safatle, se faz importante desenvolver conexões entre afetos e corpo político. Daí mais um elo com a escrita de cartas, que também é um exercício do pensar e narrar a si contando, para tal, com a leitura de alguém⁴ - mesmo que isolado, longe fisicamente.

Falávamos em desencaixotar e, é sobre uma experiência com caixas, mesmo, que gostaríamos de contar a você. Se, tradicionalmente, encaixotamo-nos em ideais de vida, em sentimentos silenciados, em opressões sistemáticas e, mais recentemente, em nossas próprias casas, viemos falar de uma aposta diferente: encaixotar para desencaixotar. Foi a partir desse mote que começamos a construir, entre duas psicólogas e uma médica residentes, uma intervenção voltada ao cuidado da equipe da Unidade de Saúde onde trabalhamos: um posto, ou “postinho”, como é chamado carinhosamente, por usuários/as. O seu cenário,

⁹ SAFATLE, 2015.

Mundo, você sabe melhor do que ninguém, está um tanto hostil devido a pandemia! E, conseqüentemente, os(as) profissionais da área da saúde têm sofrido os efeitos de tamanha hostilidade e tensão, direta e diariamente.

Contextualizamos: essa pandemia coloca, por meio do discurso social, uma tripla mensagem. Por um lado, somos tomadas, nós profissionais da saúde, como heróis e heroínas (vide *hashtags* em redes sociais), contando com super-poderes - e super responsabilidade - de salvar a sociedade do vírus. Por salvar você, Mundo! Recebemos homenagens em formas de palmas coletivas nas janelas e bonitas frases de agradecimento pronunciadas por pessoas importantes, seja da política ou da mídia. Ao mesmo tempo, são algumas dessas mesmas figuras que compõem o governo atual, cujo respaldo às políticas de saúde encontra-se extremamente fragilizado. Políticas de saúde onde atuam estas mesmas profissionais exaltadas, que lidam cotidianamente com os reflexos dessa fragilização, no desmonte de serviços, na redução de equipes, na execução de parcerias público-privadas. Vivenciamos na pele as conseqüências do atual governo neoliberal com o qual o Brasil conta¹⁰. Heroínas cujas capas estão furadas, surradas, aos retalhos.

E a terceira mensagem que circula, ainda, diz respeito à dimensão do sensível, do cotidiano, ou do que Deleuze e Guattari¹¹ denominaram micropolítica, que tampouco pode ser desatrelada à macro, mas coloca nuances singulares. Estes os quais, embora de menor visibilidade ao grande público, acreditamos que podem assumir complexidade ainda maior. Trata-se do sentir-se, de maneira constante, possível vetor do vírus. Ao deslocar-se, antes ou depois do expediente, carregando roupas tóxicas, fluidos perigosos. Heroínas cujos corpos são infectantes. Corpos que devem ser mantidos afastados de todos, inclusive de seus filhos/as, pais, familiares. No discurso da grande mídia, veiculam-se notícias acerca de situações de hostilidade voltadas a profissionais de saúde, seja ao

¹⁰ Vide as mudanças como a redução o congelamento do financiamento da Atenção Básica, pela Ementa Constitucional número 95; a Portaria número 2436 de 2017 que institui a nova Política Nacional de Atenção Básica (PNAB) que propõe mudanças significativas na composição das equipes de saúde, como a redução de Agentes Comunitárias de Saúde (ACS), a não priorização da Estratégia Saúde da Família (ESF) e a não obrigatoriedade do Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF) nas gestões municipais.

¹¹ DELEUZE; GUATTARI, 2009.

manifestarem-se publicamente exigindo maior apoio à medida de isolamento¹² no enfrentamento à COVID-19, seja durante seus deslocamentos cotidianos ao trabalho¹³. Em nossos pensamentos, ecoam as notícias acerca do aumento no número de óbitos, dos casos de profissionais da saúde em situação terminal e de seus familiares contaminados. Paul Preciado escreveu, logo no início da pandemia, que “a nova fronteira é a máscara. O ar que você respira deve ser somente seu. A nova fronteira é a sua pele.”¹⁴ Escreve, ainda, que a COVID-19 deslocou as políticas da fronteira que estavam tendo lugar no território nacional para o nível individual.

Sob efeitos dessa lógica, composta pelas diferentes mensagens, começamos a perceber, por parte de colegas, afetações cotidianas expressas por meio de olhares, gestos, palavras, esquecimentos, cansaços, dentre tantas manifestações de esgotamento. Elas indicavam o quão pressionada e angustiada a equipe sentia-se, lidando com incertezas constantes, a fim de prestar o máximo desempenho e resolutividade em um período sanitário inédito, sem protocolos pré fabricados.

E quando falamos em equipe, Mundo, você pode estar pensando nas contradições advindas de nós também fazermos parte dela. Sim, esse foi um pensamento que acompanhou e continua a acompanhar nossas práticas, impondo dificuldades, mas também potências. Somos também parte da equipe, estando sob condições de trabalho similares e tão imersas no discurso social supracitado, quanto alguns de nossos(as) colegas. Sim, Mundo, apesar de uma pandemia ser um estado crítico e grave, reconhecemos que, em muitos momentos, somos também tomadas pela produção de urgências, pelo dever de dar respostas rápidas às adversidades, para além dos bons contágios. Ou, ainda, sobreimplicadas, como diriam Maria Cecília Coimbra e Maria Lívia do

¹² Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/05/01/enfermeiros-fazem-ato-no-df-para-reforçar-necessidade-de-isolamento-social-estamos-morrendo-na-luta-contra-a-covid-19.ghtml> Acesso em: 30 de Junho de 2020.

¹³ Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/enfermeiros-sao-hostilizados-no-transporte-sai-do-vagao,1c2f137ed168122bd6e0b5c2efa5be32pns2a1cq.html> Acesso em: 30 de Junho de 2020.

¹⁴ PRECIADO, p.9, 2020.

Nascimento¹⁵. Elas também nos ajudam a pensar na importância de, diante dessas contradições, colocá-las em análise, como tentamos fazer ao escrever-lhe.

Além disso, nossa condição de residentes, isto é, de profissionais em processo de especialização nas políticas públicas de saúde, impõe peculiaridades no experienciar da pandemia. Paralelamente, pois, as atividades previstas na matriz curricular da Residência (Saúde da Família e da Comunidade) sofreram grandes impactos com o COVID-19. Atividades previstas para o Núcleo de Psicologia, por exemplo, como atendimentos individuais, acompanhamentos terapêuticos, intervenções coletivas e reuniões intersetoriais foram suspensas para casos não emergenciais. Consequentemente, tivemos que lidar - e ainda temos - com frustrações importantes em relação ao que havíamos planejado para este percurso.

Foi assim, Mundo, após muito pensarmos e, sobretudo, sentirmos os efeitos desse contexto de pandemia, que começou a tomar forma a nossa intervenção, com a ideia e desejo de reinventar nossos fazeres e saberes, pensando sobre os afetos circulantes e formas de dar lugar a eles. Assim, surgiu a ideia da caixa. A tal da caixa! Aquela que mencionamos anteriormente e que denominamos “Caixa dos Afetos”. Mas, como já dissemos: ela surge sem a pretensão de encaixotar, esconder e/ou padronizar. O que buscamos foi uma forma anônima (se assim a/o participante quisesse) de possibilitar o exercício de narrar e pensar sobre si, contando com nossos olhares, enquanto psicólogas e médica, mas também colegas, interlocutoras e acompanhantes dessas vivências. Vivências as quais, muitas vezes, podem parecer solitárias, mas que por meio da intervenção buscamos coletivizar, fazendo da singularidade de cada escrito individual, uma narrativa comum. Benjamin, lá em 1936, já dizia que “a experiência da arte de narrar”¹⁶ estava em vias de extinção. A aposta na escrita de narrativas sobre o cotidiano, nos parece que dialoga, também, com a proposta de cuidado de si.

¹⁵ COIMBRA; NASCIMENTO, 2009.

¹⁶ BENJAMIN, 1994, p. 186.

Iniciamos a execução do projeto ao apresentar a proposta à coordenação da Unidade. Foi uma conversa fundamental, pois ali puderam ser trazidos, na palavra, afetos mobilizados pelo momento, os quais se intensificam ainda mais ao ocupar cargos de responsabilidade e chefia. Ninguém melhor do que você para entender disso, né Mundo? Não deve estar sendo fácil. Para a nossa representante da coordenação, também não. Assim, ela nos concedeu espaço em reunião de equipe para o compartilhamento da proposta ao restante da equipe, colocando-se enquanto aliada em nosso projeto e desejo de promover saúde mental.

O dia da reunião chegou, uma das primeiras a ser realizadas, após o início da pandemia e consequente restrição de atividades coletivas. Ao ar livre, posicionamo-nos, em número bastante significativo, usando máscaras e mantendo a devida distância entre uma pessoa e outra. Tal distância que, até então, pareciam todos(as) ter buscado manter em relação a seus afetos, sobretudo os considerados “negativos”. Tal distância uns dos outros, exigida na prática, que muito acabava distanciando-nos, subjetiva e afetivamente também. Tal distância, dita “segura”, em relação às fragilidades de cada um(a), que parecia cumprir função de sustentação da fortaleza de uma equipe cuja marca historicamente carregada remete à resiliência, força e competência. Foi diante desse cenário, que falamos, pela primeira vez, do nosso projeto, àqueles a quem ele estava voltado, tendo retorno maior do que imaginávamos.

Compreendeu-se, assim, em momento não de exposição de uma ideia nossa, pronta para ser meramente executada e tendo como objetos de pesquisa os profissionais da saúde. Não, Mundo, foi um espaço onde não apenas falamos, mas escutamos, iniciando uma construção conjunta e em constante reinvenção, como o próprio método cartográfico propõe¹⁷. Corroborou-se ali, também, corroborando a necessidade do projeto, este o qual, ali, já encontrava-se em plena concretização. E agora, nesse momento situado no “depois”, em que escrevemos, é que nos damos conta disso. Os afetos tomaram forma de palavra. E o fizeram,

¹⁷ COSTA, 2014.

ainda, durante espaço institucionalizado e fortemente marcado pela compulsoriedade e burocratização, infiltrando-se e, quem sabe, iniciando a produção de brechas. Mas uma questão fazia eco: será que nós, colegas de trabalho, afetadas pela pandemia, poderíamos solucionar as angústias da equipe que compomos?

Essa equipe que falou de sobrecarga, de sofrimento, de incertezas. Em palavras abafadas por máscaras, mas que já não limitavam - tanto - o con(tato). Enfatizou-se a importância de falar sobre o que estávamos vivenciando e sentindo. Indicou-se tomar a intervenção enquanto forma de eternizar o momento, como parte da história da Unidade, também. Sugeriu-se escrever sobre o que se produzisse a partir dela. Sugestão que, temos de admitir, nos causou certo desconforto. Afinal, não gostaríamos de iniciar uma intervenção pensando em escrever sobre ela. Gostaríamos de querer escrever sobre ela, após ou durante a sua execução, movidas pelo fato dela ter feito sentido para outras pessoas, também. Tê-las feito sentir, seja qual for o afeto.

E olha só, Mundo, nós aqui, escrevendo! Dá pra sentir daí? Como esse momento tem lhe afetado?

Foi exatamente essa última a questão que propusemos, como disparadora, durante essa primeira reunião. Além disso, estipulamos o período de uma semana para que os afetos fossem registrados e depositados na Caixa, que funcionava como escaninho nos tempos que antecederam a pandemia. Contava com uma pequena abertura em cima, a qual possibilitaria que apenas nós, componentes do projeto, tivéssemos acesso ao material. Uma pequena abertura, como as caixas de correio que recebem cartas. Uma fresta que possibilita às palavras escoarem - e ecoarem. Ela foi mantida em local de grande circulação de pessoas, para ser recolhida e aberta apenas ao final do período, tendo os escritos lidos, individualmente, para que, a partir do diálogo entre escritos da equipe, e destes conosco, produzíssemos alguma via de retorno, coletivizando e dando continuidade e interlocução.

Alguns dias passaram-se e, possivelmente contagiadas por nossos próprios ritmos e processos de trabalho, optamos por possibilitar um momento de pausa,

encontro e espaço para a palavra escrita - supondo que seria difícil também para os/as colegas encontrarem esse tempo, espontaneamente. Assim, novamente durante reunião de equipe, convidamos cada um(a) a escrever, desta vez fornecendo papel, caneta e por último, mas talvez mais importante, tempo. Fora colocada, ainda, a possibilidade de não escrever nada, sugerindo-se entregar o papel em branco - em silêncio.

Esse momento, por sua vez, fora diferente: dentre mãos rápidas e desejanças de falar por meio da caneta, vimos também olhares desconfiados, descrentes e queixosos. Não fez sentido para todo mundo, confirmamos. Mas algo, talvez, os tenha feito sentir. Nem que seja vontade de deixar a atividade a fim de resolver pendências, ou ainda de entregar em branco e fazer intervalo, permitindo-se pensar em nada, antes de ser engolida por demandas ininterruptas. E tanto podem nos contar acerca do que tem sido o ritmo da produção de urgências que nos engole, essas situações.

Contaram-nos, também, os escritos. Contaram muito. Conforme combinado, lemos, um a um, reunindo-nos, as três promotoras da atividade, a fim de planejar o retorno. E agora? Que desafio! Na teoria, muito difícil, e na prática... Mais desafiador ainda! Nosso encontro foi virtual, e nele pudemos, além de concretizar o objetivo inicial - analisar as narrativas e construir um retorno -, também compartilhar, umas com as outras, os nossos próprios afetos, diante tanto da intervenção, quanto do contexto da pandemia - indissociáveis. Criamos ali um pequeno espaço de cuidado-de-quem-cuida-de-gente-que-cuida.

Em relação ao planejamento do retorno dessas produções, decidimos que seria no formato de - adivinhe só! - uma carta, dirigida ao coletivo de colegas e escrita conjuntamente por nós três. Nesse momento, foi impossível não lembrar de Foucault que, quando retoma os textos de Sêneca para pensar a escrita de si, e aponta: “num mesmo coração há vozes altas, baixas e medianas, timbres de homem e de mulher”¹⁸. Diante disso, a carta visava tecer uma costura de

¹⁸ FOUCAULT, 2012, p. 144.

subjetividades por meio dos afetos que fossem compartilhados, criando um contágio possível entre a equipe¹⁹. Ou seja, um contágio entre nós!

Sabe, Mundo, é curioso como, em nossos estudos e práticas no campo da saúde coletiva, corriqueiramente apostamos em ações interdisciplinares - ações que envolvem a interlocução entre diferentes núcleos de modo não segmentado - e na invenção de tecnologias inovadoras para a assistência em saúde. Contudo, é em ato que descobrimos a dificuldade e a dedicação que estes conceitos implicam. Descobrimos, juntas. E em nosso encontro, pudemos falar sobre isso, sem que desabonasse a intervenção nem nos desanimasse a realizá-la - mas assustou um pouco, temos que admitir. Como realizar o exercício da escrita a seis mãos? Não qualquer escrita, mas uma escrita epistolar, dialógica. Como praticar a escrita epistolar a seis mãos? De que maneira construir uma mensagem que contemple o grupo todo? Seria isso possível, ou sequer necessário? A demanda parecia ser essa, como tão comumente é: resolutividade, produção, urgência. Lembramos que a escrita epistolar é uma partilha. Mas o que partilhar das escritas que nos afetaram? Uma carta como cuidado estaria fazendo jus à máxima que diz que “A Atenção Básica deve coordenar o cuidado e ser resolutiva”²⁰ em suas intervenções? Como não deixar-se cooptar pela demanda produtivista e fazer torção no conceito de cuidado?

As perguntas ecoaram em nosso encontro a três. Decantando poucas respostas, é verdade, mas encontrando amparo e interlocução. Vimo-nos conversando sobre temas como o que acabamos de compartilhar contigo, acerca da subjetivação capitalista contemporânea, essa que coloca nossas formas de vida e desejos como engrenagem a um modo de produção econômico. Em seus pilares individualistas, competitivos e operados a partir da lógica “tempo é dinheiro”, os movimentos coletivos são preteridos em detrimento daquilo que o sujeito e sua baixa tolerância com os desencontros e descontinuidades que uma

¹⁹ Para Marilda Ionta (2011, p. 94), “a gramática da escrita epistolar e sua peculiaridade permitem capturar instantes fugidios, processos de metamorfose pessoal, momentos em que é possível visualizar vetores que conjugam simultaneamente movimentos de desprendimentos de si e autoelaboração, que são realizados no espaço intersubjetivo da escrita epistolar”.

²⁰ BRASIL, 2014.

produção grupal engendra. É comum ouvirmos falar desde a época de escola que “trabalho em grupo é ruim!”, não é? Conseqüentemente, estávamos desacostumadas a escrever em grupo no momento de elaboração da carta. Ainda, em função da hegemonia da racionalidade biomédica, por meio de seus protocolos pragmáticos, ocorreu um estranhamento importante, sobretudo por parte da colega médica, diante do recurso do pensamento e escrita de si como forma de cuidado aos afetos. E mais, como possibilidade a ser também executada por um núcleo que não o que é mais familiarizado desses fazeres, como a Psicologia. O estranhamento, nesse sentido, não foi limitante, mas potente, ao convocar o borramento, a permeabilidade de saberes entre diferentes áreas.

A partir desse encontro, emergiu o desejo de seguir dialogando e - por que não? - de fazê-lo de forma escrita. Assim, desse desejo e em função da necessidade de reflexão acerca de tais questões, elaboramos um Diário de Campo coletivo na plataforma Google Drive. Nele, cada uma podia expressar seus afetos, já que o estávamos propondo enquanto dispositivo terapêutico. Era um modo de fazer um primeiro ensaio da escrita de si como forma de cuidado. Se, por um lado, existe um modo de subjetivação individualista - acentuado por performances de gênero que superestimulam a quebra do coletivo entre as mulheres - por outro, enxergamos essa prática também como uma aposta no que a outra tem a dizer e criar para descobrirmos nossa potência terapêutica juntas. Além disso, dialogar sobre conceitos como as tecnologias leves em saúde²¹ auxiliaram a tornar o borramento de fronteiras entre os núcleos um caminho possível. Isto é, fizeram-se fundamentais os espaços de contágio com a dimensão clínica que se apresenta nos processos de escuta, vinculação, acolhimento e humanização das práticas, bem como o exercício da inventividade, enquanto dispositivos não exclusivos de um núcleo do saber. Eles estão disponíveis a todo o campo quando se implica em sua dimensão cuidadora e atenta às necessidades de quem atende - o que facilitou o diálogo com a colega médica.

E assim, dentre esse encontro virtual e encontros presenciais, inserindo pausas para o cuidado dentre as pressas do cotidiano, as escritas assíncronas no

²¹ MERHY, 1998.

diário e em documento do Drive: a carta foi construída. A seis mãos, em sua escrita, a três olhares, em sua revisão, a seis braços, na sustentação da aposta na potência epistolar. Lembramos do que comenta Foucault que “a carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escritura, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe”²². A três vozes, na leitura dela, no dia da apresentação para a equipe. Haja coração, Mundo! Estávamos convocadas a SUStentar a diferença advinda de uma intervenção não protocolar diante de uma política com tantos protocolos. Para isso, imprimimos uma cópia da carta para cada trabalhador(a) do serviço e a lemos. Pausadamente, para que também a leitura incluísse a quem nos acompanhava, pois o que escrevemos possuía tanto de nós, quanto deles(as). Incluímos trechos do que nos foi trazido nos escritos, seja em forma de sussurros, palavra soltas, frases tímidas, ou ainda em exclamações barulhentas, afetos transbordantes, que gritavam. Em que tom você nos lê agora, Mundo? E em que contexto?

Este é também um fato importante, o contexto em que a leitura da nossa carta se deu. Um detalhe, que talvez passasse despercebido, mas que pode tanto nos contar! Ou ainda, um analisador, como diriam os(as) analistas institucionais²³. E por isso, gostaríamos de compartilhar com você. A leitura aconteceu após um momento de Educação Permanente sobre o uso de máscaras, com a exposição de slides explicativos, repletos de informações científicas, dados quantitativos e recomendações específicas de segurança e proteção. E ao final, as nossas palavras, nuas e cruas, apontando ao sensível, ao incerto, ao que mais vulnerabiliza e incomoda, do que protege. Nossa carta trazia questões como sobrecarga, insegurança e medo, parafraseando, em parte, o que nos fora contado por meio de seus escritos, junto de reflexões nossas, colocando-as em diálogo. Após a leitura, então, propusemos momento de compartilhamento de afetos em duplas, em breve conversa. Encontros. Novamente, mantida a distância segura e fazendo uso de máscaras, mas apostando na possibilidade de alguma forma de con-tato.

²² FOUCAULT, 2012, p. 150.

²³ LOURAU, 1975.

E foi muito bonito, Mundo, ver tantos olhos comunicando-se. Olhos que trabalham próximos, juntos inclusive, sem muitas vezes entrecruzar-se. Ao final, retornamos ao grande grupo, em momento para podermos compartilhar, entre todos(as), o que aquelas letras evocavam em cada um(a) de nós. Assim, apesar de não ter havido muito tempo no relógio para a extensão da atividade (cerca de 20 minutos), pessoas que não costumam se manifestar puderam falar de seus sentimentos, tanto em relação ao momento da pandemia, quanto da experiência de compartilhar afetos, seja em palavra escrita ou falada. Além disso, o tempo alargou-se, de certa forma, ao continuarmos recebendo retornos diretos ou indiretos, nos bastidores e conversas de corredor, sendo incentivadas por nossos(as) colegas a seguir com novas edições da caixa de cartas.

E seguimos: mais duas edições da Caixa foram realizadas. Mas não entraremos em detalhes, aqui. Caso lhe interesse, Mundo, escreva para nós e adoraremos contar mais das minúcias do desenrolar do nosso projeto, que se encontra em constante construção. Mas adiantamos que, inspiradas por conversas do cotidiano na Unidade de Saúde, as novas questões disparadoras das escritas foram, primeiramente, o momento pós-pandemia, convocando a pensarmos no que desejamos fazer quando ela passar; e após, outra(s) forma(s) de cuidado descobertas durante o isolamento, pensando nas diferentes maneiras de demonstrar afeto, para além do toque físico de um beijo e de um abraço. Porém, as participações da equipe foram diminuindo, na forma de palavras depositadas, e os papéis em silêncio, aumentando. Sinalizando, talvez, que a intervenção estivesse deixando de fazer sentido e/ou que devia ser reinventada. Reconhecemos que permitir circular e refletir sobre afetos em meio a situações de crise não é das vivências mais tranquilas, embora busquemos dar um lugar seguro a isso. Mas o coletivo e seu contexto é dinâmico, é fluído, em um emaranhado de desejos, interesses, expectativas e conflitos que convocam a todos repensar suas posições. Por ora, um modo que encontramos de repensar a nossa é compartilhar tudo isso com você.

É, Mundo... Não foi dessa vez que as trabalhadoras residentes da Atenção Básica resolveram a pandemia. Brincadeiras à parte, tampouco resolvemos as

angústias de nossos(as) colegas, desenroladas por essa grande crise, como nos questionávamos no início desta carta. Diríamos, inclusive, que o movimento que iniciamos não foi suficiente para transformar todas nós em seres totalmente abertos ao coletivo, que romperam com a subjetivação capitalista. Ainda corremos contra o relógio para produzir mais e responder às urgências, frustradas ao não visualizar resultados palpáveis e sedentas por não ficar ociosas nem um segundo do tempo que trabalhamos. Queremos desempenhar ao máximo nossas possibilidades e continuamos a nos sentir intensamente mal quando vemos que não damos conta disso.

Mas, sabe, abrimos um furinho. Apostamos que sim. Nos contagiamos com a possibilidade de um novo sentido para o cenário que se impõe: queremos produzir saúde por meio das palavras, da escrita, da delicadeza, da aposta no cuidado que podemos criar, umas com a outras. Não faremos um protocolo para isso, mas esperamos que fique satisfeito com essas notícias e que elas possam te inspirar. Afinal, acreditamos no potencial de contágio do sensível, inventivo! E, ao escrever para você, como diria Leila Domingues Machado,²⁴ desmanchamos a nós mesmas e somos incitadas a inventar outros modos de conjugar os verbos - e os fazeres - de nossa vida. Isto é, ao escrever sobre a proposta da Caixa, nos colocamos a pensar sobre os meandros dessa experiência: sobre a posição que ocupamos, bem como nossas expectativas, possibilidades, compreendendo tanto as condições que nos envolvem, quanto as fragilidades que nos compõem. Ao escrever a você, fazemos o exercício de nos reler, escutando-nos, de certa forma. Assim, salvamos a nós mesmas da pesada pretensão de salvar uma equipe, da qual fazemos parte, por meio de um projeto de intervenção. Desse modo, abrimos passagem para que a inventividade continue emergindo e possibilitando os pequenos respiros, a circulação de afetos, palavras e, até mesmo, a afirmação de silêncios.

Por fim, Mundo, se há algo que temos aprendido com o vírus é sobre seu alto poder de contágio. Nas palavras de Durval Junior: “o vírus fez a palavra

²⁴ MACHADO, 2004.

viralizar”²⁵, e segue: “criar, inventar, se por em movimento através das palavras é a forma que temos para afirmar que estamos vivos”²⁶, sobretudo em tempos de ameaça coletiva do silenciamento da vida. Na verdade, tal poder de contágio não diz respeito só à COVID-19: nossos desejos e apostas podem ser contagiantes se toparmos dialogar com o outro e acolher as suas e as nossas angústias, desde a construção de uma escrita a seis mãos, à leitura a três vozes, por exemplo. Nossas ações, quando coletivizadas, adquirem ainda mais força para desencaixotar afetos e infiltrar espaços burocratizados, tornando, assim, a Atenção em Saúde nada Básica, mas cada vez mais complexa. E, no fim das contas, estamos mais em con-tato do que nossa presença física poderia indicar - sem a pretensão de, com isso, resolver sozinhas(os) demandas. Estas as quais dizem de uma coletividade e, por conseguinte, convocam esforços múltiplos e demandam tempo para enfrentá-las - por mais urgentes que possam parecer.

Desejamos, assim, que você seja generoso consigo e com seus e suas habitantes nestes tempos exigentes... E por ora, chega de ler. A mesma recomendação que seguimos para começar a escrever essa carta, indicamos também a você, Mundo: escreva, compartilhe suas experiências, circule a palavra! Adoraríamos ter notícias suas. Se as imersões sem pausa na leitura propiciam que a gente se disperse, acrescentaríamos: imersões em demasia nas vivências, sem contínua análise, tendem a nos automatizar.

AbraSUS!

Referências:

BRASIL. **Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017.** Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS).

²⁵ JUNIOR, 2020 p. 04.

²⁶ JUNIOR, 2020 p.09.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política.** São Paulo: Brasiliense, 1994.

COIMBRA, C. M.B. & NASCIMENTO, M. L. do. **Sobreimplicação: práticas de esvaziamento político?** In: ARANTES, E. M.; NASCIMENTO, M. L. do; FONSECA, T. M. G. Práticas PSI inventando a vida. Niterói: EDUFF, 2007, p. 27-38.

COSTA, L. **Cartografia: uma outra forma de pesquisar.** Revista digital do LAV. Santa Maria. vol. 7, n. 2, 2014, p. 66-77.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia.** vol. 1. 6 edição. São Paulo: Editora 34, 2009.

FOUCAULT, M. **A escrita de si.** In: MOTTA, M. B. (Org.) Michel Foucault: ética, sexualidade, política - ditos e escritos 3 edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 141-157.

IONTA, M. **A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade.** Estudos Feministas, n. 19, v. 1, 2011, p. 91-101.

JUNIOR, D. M. A.. **A palavra como luto e como luta.** Pandemia Crítica, nº0036, n-1 edições, 2020. Disponível em:<<https://n-1edicoes.org/036>> Acesso em 29 de junho de 2020.

JUNIOR, G. **Enfermeiros são hostilizados no transporte: “Sai do vagão”.** Terra, São Paulo, 25/03/2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/coronavirus/enfermeiros-sao-hostilizados-no->

transporte-sai-do-vagao,1c2f137ed168122bd6e0b5c2efa5be32pns2a1cq.html.

Acesso em 28 de junho de 2020.

LOURAU, R. **A análise institucional**. Editora Vozes: Petrópolis, 1975.

MACHADO, L. **O desafio ético da escrita**. *Psicologia & Sociedade*; 16 (1): 146-150; Número Especial, 2004.

MARINE, T. C.; BARBOSA, J. B.. **Estudos variacionistas pautados em cartas: reflexões teórico-metodológicas**. *Linguística*, Porto Alegre, v. 27, p. 221-240, 2012.

MARQUES, M. **Enfermeiros fazem ato no DF em favor do isolamento social: “Estamos morrendo”**. G1, DF, 01/05/2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2020/05/01/enfermeiros-fazem-ato-no-df-para-reforçar-necessidade-de-isolamento-social-estamos-morrendo-na-luta-contra-a-covid-19.ghtml>> Acesso em: 28 de junho de 2020.

MERHY, E. **A perda da dimensão cuidadora na produção de saúde: uma discussão do modelo assistencial e da intervenção no seu modo de trabalhar a assistência**. In: *Sistema Único de Saúde em Belo Horizonte – Reescrevendo o Público*; Ed. Xamã; São Paulo, 1998.

PRECIADO, P. B. **Aprendendo do vírus**. Disponível em: < <https://n1edicoes.org/007> >. Acesso em 22 de abril de 2020.

REZENDE, C. R. A. **Escrita epistolar - cartografias de uma epistemologia feminista**. *RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade - Revista Latinoamericana de Estudios en Cultura y Sociedad | Latin American Journal of Studies in Culture and Society* vol. 5, edição especial mai, 2019. Disponível em:

<<http://periodicos.claec.org/index.php/relacult/article/view/1444>> Acesso em 30 de maio de 2020.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.